

PROBLEMA DE CORPO DE TROPA

2º Ten. CESARIO ARRUDA

A leitura do número de novembro p. passado de "A Defesa Nacional" animou-nos a escrever este artigo, com o fim de levantar a questão, sem pretensões de vencer.

Refiro-me aos artigos "Reflexões sobre o Cmdo. em tempo de paz" de autoria do Ten. J. H. Garcia e "Instrução não dá cadeia... mas administração dá!"... de autoria conhecida pelo pseudônimo de Major Z.

Em ambos os artigos, seus autores esposam a tese do objetivo máximo do Exército em tempo de paz: a instrução. Mostram, também, como a coisa se desenrola ao ponto de relegar-se a instrução para plano secundário; daí, surge o preceito firmado de que "instrução não dá cadeia, mas..." Qual a razão?

Sem dúvida, a origem do mal está na falta de organização. O corpo de tropa, como qualquer instituição de trabalho, só funciona normalmente se organizado; as responsabilidades divididas e o sentimento do dever, profundamente arraigado no espírito de todos.

Qualquer simples comerciante sabe que o negócio só prospera organizado. O norte-americano dá-nos esse exemplo em todos os ramos de suas atividades, chegando, não raramente, às minúcias supérfluas aos espíritos desordenados.

Que ocorre em nosso País? Em geral, nas repartições públicas, nos quartéis e estabelecimentos militares impera a burocracia mal orientada que, ao invés de facilitar o trabalho e orientá-lo, tal sua função, atola-o ora em exagêros insensatos ora em omissões perigosas. Em suma, impera a organização

complicada, com excesso de regulamentação tão pernicioso quanto a sua escassez.

Nesse estado de coisas, passa-se a dedicar todo o esforço em prol da administração. Aumenta-se o papelório ao ponto de necessitarmos de três partes onde uma única era suficiente; tudo é complicado e difícil, pois os auxiliares ou são doutores no assunto e criam-se um problema ou são bisonhos, não se procurando aí desenvolver-lhes ou despertar-lhes as qualidades.

Com isso, a instrução foi relegada a plano secundário com a atenção absorvida para outro setor; o que era finalidade passou a não ter significação.

Não se interpreta de outro modo, pois não resta dúvida de que o Exército vive para a defesa da Pátria, através de um único caminho — a boa instrução.

Este o seu objetivo em tempo de paz. Tudo o mais é mero coadjuvante, sem dúvida imprescindível. Não se concebe viver o homem sem alimento nem prazeres, mas concluir daí que são esses sua finalidade na vida é absurdo; é não acreditar no ideal supremo da vida — a propagação da espécie e a satisfação dos deveres morais.

Desaparece, assim, a crença no valor da instrução. Só se acredita na burocracia, pois se os mapas forem errados voltarão; se os termos estiverem em desacôrdo com os R. R. não tardarão a nos aborrecer e com o péso indigno da nota desabonadora.

Esse o estado em que nos encontramos. É mal já não diremos quanto às reservas que formamos, autênticas legiões de incapazes, mas, principalmente, por tirar do

espírito dos Quadros em geral a mística do idealismo, inculcando-lhes a descrença. Onde paira o ceticismo sabemos até que ponto vão as reservas morais.

Avancemos mais um pouco nessas idéias e diremos que a caserna sem instrução é comunidade de paisanos. Inegavelmente, a falta de instrução reflete-se na disciplina da tropa como fator desintegrante. Dito isto, não creio faltar muito; falar nos sentimentos de dever e de responsabilidade é bater na mesma tecla.

* *

Chegamos, agora, ao ponto crítico da questão: é possível coexistir a boa instrução com a boa administração?

Nosso Manual de Campanha Básico de Instrução Militar, C-21-5, diz: "numa unidade eficiente coexistem a boa instrução e a boa administração!"

Sem dúvida, é possível. Organizado o serviço, tudo se simplifica. Começa que não haverá o caso do imprescindível, daquele que não pode entrar em férias nesse mês, porque senão os mapas não saem. Não, as funções decerto serão determinadas, porém dispondo a repartição de quadros de encargos com datas e referências não haverá muita dificuldade em engrenar o substituto.

Por outro lado, a instrução funciona às mil maravilhas, cada qual dentro de suas atribuições e os que têm ação de comando exercendo suas atividades de fiscalização e correção de instrutores e monitores. Há que se criar o espírito do contínuo aperfeiçoamento. Servimos num Quartel em que vimos a realidade das palavras que escrevemos.

O 4º Batalhão de Engenharia — Unidade de escol do nosso Exército — dá-nos exemplo frisante dessa afirmação. Para que se tenha ligeira amostra da organização que imperava, certa vez aconteceu estarmos de Oficial de Dia e vimos faltar etapa para seis soldados. Feita a chamada das praças presentes pela relação de controle,

constatamos haver seis homens a mais. Eram, justamente, as seis etapas que faltavam...

A burocracia corria com tal suavidade, tudo tão perfeitamente ajustado, cada qual absolutamente ciente de suas atribuições, que de certa feita acumulamos as funções de Secretário, Ajudante, Mobilizador e Diretor da Escola Regimental. A coisa aumentará de importância se dissermos que a S.Mob. estava na fase crítica de seus encargos de mobilização e que a Escola Regimental, refletindo o idealismo do comando, funcionava com seu Diretor e sargentos professores a postos, diariamente, de 07,00 às 08,00, na missão sagrada de alfabetizar 120 pracinhas.

Enquanto, a administração assim corria, a instrução atingia seu máximo rendimento dentro dos meios de que dispunha a Unidade e dentro dos que os instrutores improvisavam.

A diretriz da instrução eram os programas-padrões que se cumpriam à risca; das horas determinadas não se subtraía uma única; os assuntos só não eram, também, seguidos fielmente quando o Batalhão carecia do material imprescindível. Por exemplo, o quadro de trabalho marcava instrução de 4 horas de ponte Bailey; como o Btl. não possuía essa equipagem, davam-se as horas correspondentes de revisão da pontagem da B4 A1. Acontecia que os quadros cada vez mais se aperfeiçoavam na direção dos trabalhos e os soldados mais se familiarizavam no manejo do material, acabando de uma vez por todas, com o mistério.

Assim, temos exposta a situação e para arrematar veremos um problema sério apontado que é, causador do mal. Costumam, dizer alguns que não creem na instrução porque nosso homem está em nível mental muito baixo para compreendê-la. É verdade ser esse grande obstáculo, principalmente, nos momentos que correm quando tudo na guerra é especialidade. É o armamento mais complicado, o engenho mais sutil a requererem superior compreensão do soldado.

Não vemos nisso razão de esmorecimento. Ao contrário apenas teremos de dispender maior preparação da instrução com o fim de tornar sua compreensão mais fácil pelo soldado. Apliquemos o método adequado, os meios auxiliares e veremos que a sessão não é só para acadêmicos.

Esse é, como vemos, um grande problema, porém não do homem, do soldado, mas do instrutor.

Há, no entanto, um outro problema correlato que requer tanto cuidado: despertar o interesse do soldado pela instrução. Em geral, nosso homem é descrente, vivendo a maioria em estado de semi-indiferença. Há que despertar-lhe a responsabilidade. Não devemos é ficar absortos na "inferioridade" propalada do brasileiro, e com isso cruzar os braços. A tese da inferioridade já faz parte das lendas do passado. É, como diz Silvio Romero: "não é mais tempo de de-

clarar que o Brasil e os brasileiros são a vergonha e a lástima do mundo, pecaminoso brado de desalento que, nem ao menos, encontra mais os escravos para o repetirem".

Despertados esses valores, teremos nosso soldado apto, cheio de entusiasmo pelo trabalho e crente na sua finalidade.

• •

Em conclusão, coexistem perfeitamente a boa instrução e a boa administração; são mesmo imprescindíveis uma a outra. Cremos que só não acreditam nisso os que se deixam levar pelas predileções do espírito ou, ainda, pelo comodismo pernicioso.

Precisamos de ter o trabalho organizado e isso significa administração em ordem e engrenada, e instrução desenvolvendo-se de acôrdo sincero com os quadros de trabalho.

A CAVALARIA

"Sem cavalaria como perseguir o inimigo que a possui?"

• • •

"Creio que ninguém negará as vantagens de uma cavalaria nacional. Talvez haja dificuldades para criá-la, mas demos o balanço no que temos e no que falta.

Temos cavalos e jaezes; não nos falta o armamento. Temos homens: Temos tudo. Resta-nos aprender e isso podemos fazê-lo."

• • •

"Mas por sabermos manejar um cavalo não nos esqueçamos que podemos combater a pé."

• • •

"A cavalaria, à noite, é de emprêgo difícil e pouco rendoso."

(Extratos da CIROPÉIA, conforme tradução portuguesa de João Felix Pereira, transcrito de "Estudo Histórico Sôbre a Guerra Antiga", do Coronel J.B. Magalhães.)